Tristão, mártir e benemérito

J. C. Alencar Araripe(*)

No dia 31 de outubro de 1824, era trucidado impiedosamente, nas ribeiras do Jaguaribe, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, Presidente da Confederação do Equador no Ceará. A tragédia foi o ato final da malograda revolução republicana.

Vivia-se um ano de intensa agitação política. O Imperador Pedro I dissolvera a Assembléia Constituinte em 12 de novembro de 1823. À manifestação de absolutismo seguia-se, já em dezembro, outorga, pelo príncipe reinante, de uma carta constitucional, que impunha juramento de obediência. Em dezembro ainda, a insurreição pernambucana representa ao Imperador contra o golpe de Estado e elege Manoel Carvalho Paes de Andrade para a Presidência da Província. A Câmara da Vila de Campo Maior, de Quixeramobim, em 9 de janeiro de 1824, declara decaída a dinastia bragantina, proclama a república e designa comissão para parlamentar com outras Câmaras, como a de Icó e do Crato, que aderiram ao movimento.

Tristão e Pereira Filgueiras estavam regressando do Maranhão, onde atuaram decisivamente na dominação do foco de rebeldia das forças portuguesas de Fidiê, que se opunham à nossa independência. Por nomeação do próprio Imperador, Pereira Filgueiras foi o comandante geral.

Tristão, facilmente inflamável, aceita, de pronto, a rebelião desencadeada em Quixeramobim e termina por arrastar Filgueiras na mesma direção. O Presidente da Província, tenente-coronel Pedro José da Costa Barros, nomeado pelo Imperador e recém-empossado, é deposto. Tristão foi escolhido para substituí-lo.

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

A efervescência política não arrefecia. A Câmara de Quixeramobim volta a manifestar-se, desta feita, para recusar-se a aceitar a Constituição outorgada, gesto que tiveram também as Câmaras de Icó e do Crato. No desdobramento da crise, chega-se, em 26 de agosto, à reunião do Grande Conselho, com participação de 455 personalidades, e que proclamou a República e aderiu à Confederação do Equador.

Dizem os registros históricos que houve muito entusiasmo na celebração do evento; mas não tardaram os contratempos. Não agradou a ninguém o lançamento de empréstimo compulsório para custear a expedição a ser enviada a Pernambuco. Começaram a surgir focos de resistência.

Os republicanos fracionaram-se para combater, aqui e ali, as rebeldias. Tristão e Filgueiras, os chefes principais, separam-se para cumprir missões diferentes. Juntos, desfrutariam vantagens, entre outras, a do aconselhamento mútuo em horas difíceis. O tenente-coronel Antônio Bezerra de Souza Menezes, no comando interino das armas, com a partida de Filgueiras para o interior, é enviado a Uruburetama para combater um movimento imperialista. A seguir, acampa em Baturité, local escolhido para o centro da resistência, nos planos originários dos republicanos.

Em momento crítico, Tristão abala-se de Fortaleza para Aracati, onde se manifestara outro foco imperialista. O major Luís Rodrigues Chaves, enviado a Pernambuco com a missão de conseguir armamento, fora preso, bandeara-se para o lado contrário e comandava as forças procedentes do vizinho Estado, então Província, que investiam contra a vila marítima de Aracati. Mal Tristão dominara a rebeldia ali, começaram a chegar informações que enfraqueceram o ânimo dos combatentes: fracassara o movimento de Pernambuco, o porto do Recife fora bloqueado pela divisão naval de Cochrane, o general Lima e Silva, à frente de 1.200 homens, controlava a situação e o Presidente revolucionário Paes de Andrade escapara rumo à Europa, a bordo da corveta inglesa "Tweed". Não era só: o almirante Cochrane já conseguira a rendição da capital cearense, onde o vice, José Felix de Azevedo e Sá, não oferecera a mínima resistência. Tristão reúne o conselho de oficiais, e a decisão é

continuar a luta, procurando juntar-se a Pereira Filgueiras. Com este objetivo, reenceta a marcha, mas, a cada momento, aumentava o número de deserções. A sua cabeça estava a prêmio porque não aceitara a anistia; minguava o poder de resistência, enquanto acometiam as forças imperialistas de Manuel Antônio de Amorim e José Leão da Cunha Pereira. Nas imediações do povoado de Santa Rosa, depois Jaguaribara, cidade que desapareceu nas águas do Castanhão, ainda manda preparar para combate, mas o pânico dominava.

À sua ordem, um soldado prepara peças de artilharia que conservava e ele próprio dispara. Abandonado, tentou a fuga a cavalo. No dia 31 de outubro, atravessa o rio e quando desmonta, supondo-se a salvo, é atingido por um balaço que o prostrou. Vinha sendo perseguido, e não percebera, por homens de José Leão Pereira da Cunha, que com ele participara da expedição ao Maranhão, mas que depois se tornara seu inimigo. Raimundo Girão, em *Evolução histórica cearense,* reproduz este comovente depoimento de Tomás Lourenço da Silva Castro sobre o fim do bravo e inconfundível Tristão Gonçalves: "Quem escreve estas linhas viu o seu cadáver de pé, recostado a uma jurema. Seco e esmurrado estava ele, o peito varado por uma bala, que se via de um a outro lado como por um óculo, os braços abertos, a mão direita golpeada, ficando suspensa e caída por terra, e com outro golpe na nuca. Nesta ocasião não menos de trezentas pessoas presenciaram o ajudante da Fortaleza, e depois Capitão, J. P. L., pegar-lhe a mão cutilada e pronunciar com todo cinismo as seguintes palavras: 'V. Exa., com esta mão, foi quem assinou sentença para ser eu fuzilado?' Empunhando uma grande faca, com a ponta dela lança em terra o cadáver e depois, pegando no mesmo cadáver, coloca-o no lugar em que estava. Não satisfeito ainda, custa a crer, corta o resto do membro! É verdade o que refiro, e sinto referi-lo. E juro por alma de meus pais e por tudo quanto há de mais sagrado que, tanto eu como o Padre Monteiro, capelão da força, reprovamos tão feio e indigno procedimento. Não é assim que se procede com os mortos. Não me recordo do que disse mais. Logo que cheguei ao acampamento, comuniquei ao Chaves (o referido

Luis Rodrigues Chaves), que comandava a força, e este, fora de horas, deu sepultura, na capela de Santa Rosa, ao cadáver do mártir Tristão Gonçalves de Alencar Araripe ".

Nações e frutas têm sua hora natural de maturação, escreveu Luís da Câmara Cascudo, para quem as nossas revoluções não coincidiram com o Tempo. "Tivessem vencido qualquer uma dessas arrancadas entusiásticas, estaríamos divididos e minguados, com outra expressão geográfica e outro destino político, com vizinhos diversos e outra História, fatalmente mais inquieta e menor do que a nossa".

No ideário dessas revoluções não estava a divisão, a separação. Tinham objetivos nobres e alevantados, relacionados com independência, liberdade, federalismo e republicanismo; indiscutível, porém, que o joio do separatismo estava latente.

O desfecho da Confederação do Equador era previsível, em Pernambuco e aqui, diante da repressão bem-sucedida das forças imperiais. Foi quando o comendador José Antônio Machado sugeriu a Tristão que fosse para os Estados Unidos; e pôs à sua disposição dois navios que recebiam carga, um deles em Acaraú. Tristão não aceitou.

Cruz Filho, em *História do Ceará*, afirma: "Com o sacrifício de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, porventura o vulto mais varonil e belo da história cearense, exalou o derradeiro alento, no Ceará, a malfadada Confederação do Equador".

Consultem-se estudiosos como Paulino Nogueira, Raimundo Girão, Eusébio de Sousa, Irineu Pinheiro, Gustavo Barroso, Esperidião de Queiroz Lima e José Aurélio Câmara. De todos eles ganha Tristão referências que abonam a auréola com que chegou à posteridade.

Em 1833, quando a Regência, em nome do Imperador, como assinala o Barão de Studart, concedeu à viúva de Tristão pensão anual, no decreto respectivo deu ao mártir de Santa Rosa o cognome de benemérito, e que o ato foi assinado tomando em consideração "os relevantes serviços por ele prestados com singular patriotismo, a bem da liberdade e independência do Império, em diferentes províncias, com total prejuízo da sua fazenda e último sacrifício de sua pessoa".

No centenário da Confederação do Equador, e no dia em que se verificou a morte do seu Presidente, realizaram-se, em Fortaleza e em Santa Rosa, depois Jaguaribara, celebrações para assinalar o evento. O Dr. Eusébio de Sousa, então, Juiz de Direito de Quixadá, foi o principal promotor das comemoraçõe em Santa Rosa, e das quais constou lançamento e benção da pedra fundamental do monumento a Tristão, e que nunca chegou a concretizar-se. Houve também romaria ao local onde tombou o herói de 24 e inauguração de placa de bronze do Instituto do Ceará no marco ali erguido.

Em 31 de outubro de 1974, sesquicentenário da Confederação do Equador, o prefeito de Jaguaribara, Róseo Bezerra, providenciou a abertura da base da pedra fundamental e dela foi retirada a urna de zinco, na qual estava o material nela depositado há 50 anos. A revista do Instituto do Ceará encontrava-se ainda em boas condições, mas os jornais e outros documentos não apresentavam condições de manuseio porque poderiam desfazer-se ao contato efetivo. Perduravam bem vivas as assinaturas de Tristão Gonçalves e Pereira Filgueiras na ata do Grande Conselho, realizado em 26 de agosto de 1824, e que decidiu pela adesão do Ceará à Confederação do Equador.

O marco, já referido, desapareceu na voragem das águas do Castanhão, mas a placa de bronze foi retirada e depositada na prefeitura da Nova Jaguaribara para ser afixada no parque da cidade, já delimitado, mas inconcluso ainda, e que ostenta o nome aureolado de Tristão, mártir e benemérito.